

POLÊMICA

# Ciência x Filosofia?

Físico denuncia o falso conflito e argumenta que os cientistas têm muito mais a aprender com os filósofos do que eles imaginam

MÁRIO NOVELLO

Li com curiosidade o interessante artigo, publicado recentemente neste caderno *Idéias*, sobre as trapalhadas da *intelligentsia* americana provocadas por Alan Sokal, um professor de Física de Nova Iorque. Creio que desse episódio se pode extrair alguma informação quanto ao sistema posto em prática nos EUA por sua sociedade. Mas daí a imaginar conseqüências mais graves que colocariam em trincheiras opostas, cientistas e filósofos, como o fez, na edição do dia 7 de dezembro deste caderno, o filósofo da PUC-Rio Antonio Abranches creio que é um desnecessário passo bem mais largo, embora reconheça que uma certa indignação, por parte de nosso colega, pareça-me perfeitamente justificável.

Para começar, nós deveríamos reter a questão crucial: quem fala em nome da Ciência? A quem a crítica de Abranches é dirigida? Certamente não para aqueles cientistas como eu que, como espero deixar claro mais adiante, estão com ele mais solidário do que ele talvez possa imaginar. Certamente não ao jovem professor americano tornado popular pelo *establishment* graças à uma peça de engenhosidade surrealista, cheia de intenções implícitas.

Entretanto, eu gostaria de me reter não nele, que não me atrai de forma alguma, mas sim no interessante artigo de Antonio Abranches e que parece-me ter deixado penetrar, como um perigoso líquido que escorresse da publicação de Alan Sokal, a cizânia entre nós, ao aceitar a caracterização: cientistas de um lado e filósofos de outro. Naquele artigo, veladamente às vezes, mais do que explícita em outras partes, o autor se coloca do outro lado da ciência, como se tivesse sido alvo de alguma espécie de ataque direto por parte da comunidade inteira dos cientistas ou como se um tal ataque pairasse ameaçadoramente por sobre a sociedade.

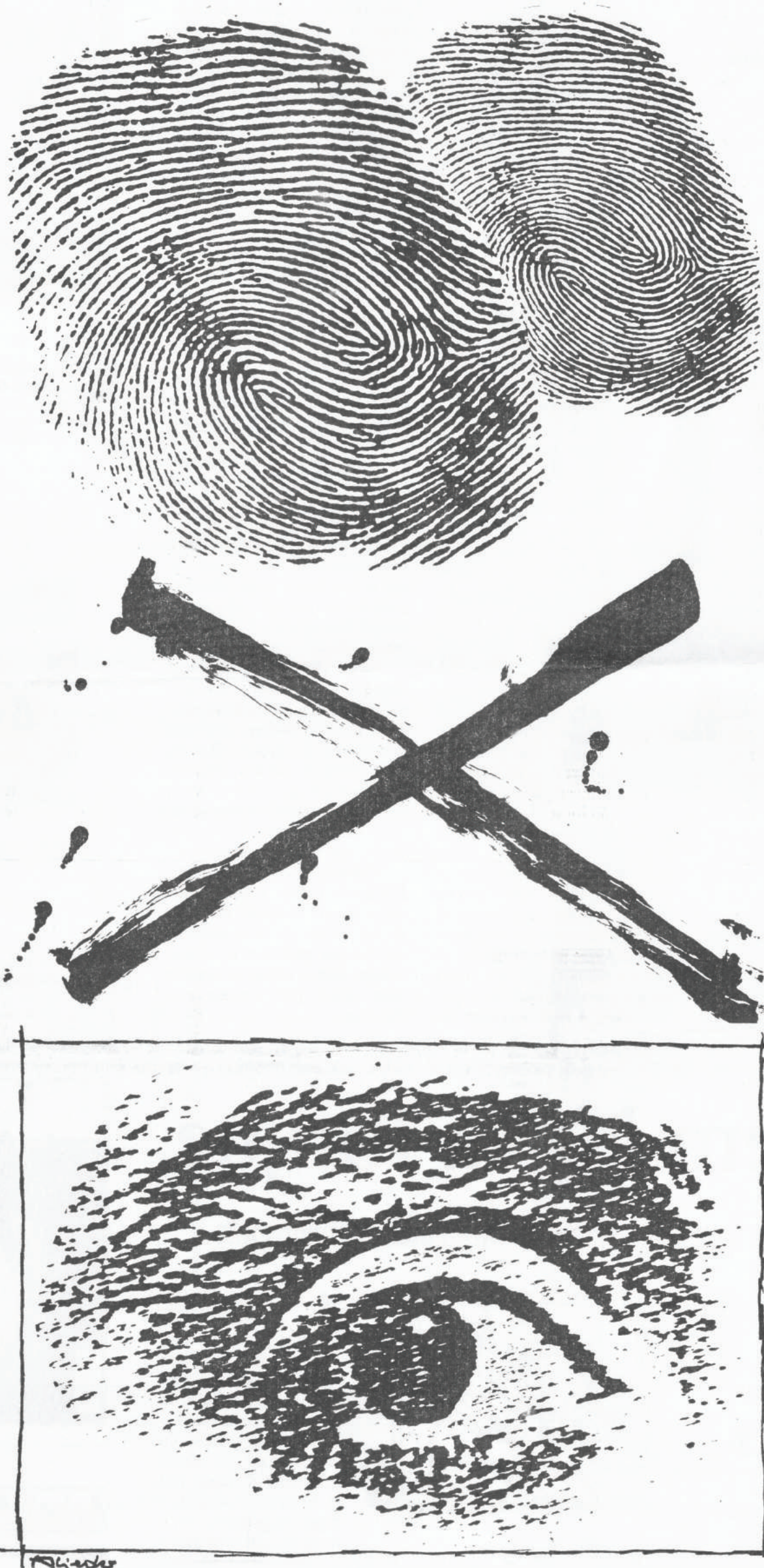
Custei a acreditar que o texto de Alan Sokal pudesse causar alguma espécie de conseqüência na *entente cordiale* que nas últimas décadas físicos e filósofos decidiram oficialmente se impor, caminhando deliberadamente juntos, mesmo que por razões apenas complementares. Parecia-me mais do que provado que estamos, todos nós, cientistas e filósofos, independentemente de nossa vontade pessoal, humor e até mesmo de veleidades acadêmicas destinados inequivocamente pelos deuses a caminharmos juntos.

Faço essas ponderações e chego a imaginar, talvez ingenuamente, que uma tal situação possa estar relacionada ao aspecto político que o sistema de ciência-tecnologia produz na sociedade moderna. Basta-me, no entanto, uma pequena dose de reflexão para reconhecer que isso não está ligado ao aspecto fundamental da ciência, mas sim ao seu lado menor e menos nobre de agenciador de uma máquina de poder, o que encontramos em maior ou menor dose, com maior ou menor eficácia, em qualquer atividade humana.

Os cientistas, e isso já há muito tempo, perceberam que fazer ciência é estabelecer uma comunicação, um diálogo com a Natureza, e que esse diálogo não tem fim, não se esgota numa teoria, numa produção formal, por mais abrangente que ela seja.

Quando os cientistas afirmam estar no limiar de conhecer os modos possíveis de criação do Universo... e eles realmente estão!... não significa que com isso eles estariam no limiar de encerrar sua tarefa e passar a partir daí a recolher os frutos de seu conhecimento, eventualmente vendido a quem mais paga (o que excluiria, certamente, os cientistas brasileiros, pagos irrisoriamente pelo sistema de Ciência e Tecnologia do MCT), significando, no atual sistema capitalista mundial, uma estranha mistura de agências especiais associadas ao governo e empresas privadas possuindo orientações que estão completamente fora de nosso controle.

Mário Novello é pesquisador titular do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas



Duas das maiores e mais popularizadas teorias da Física deste século, a Relatividade e a Teoria Quântica, produziram um formidável movimento de relativização da observação, no nosso diálogo com a Natureza. Aprendemos assim, no interior de nossa atividade científica, a distinguir de um lado o que podemos tocar, o que deve fazer parte do discurso científico; e do outro lado, o absoluto, que conhecemos com a emoção e que deixamos para nossos momentos de ilusão. Quando o cientista discursa sobre o Universo e seu *começo*, quando uma etapa de suas descobertas, de seu conhecimento se fecha em um cenário coerente e completo, não é difícil perceber que ele está, ao mesmo tempo, produzindo a sua crítica.

Isso, os cientistas aprenderam a explicitar com seus colegas filósofos.

Pois essa é a maravilhosa e ao mesmo tempo dramática tarefa que o cientista se propôs: produzir um saber e logo em seguida a crítica deste saber, ou melhor, suas limitações, exibir o restrito domínio de sua validade; para, em seguida, prosseguir tentando encontrar um novo sistema mais amplo, uma nova etapa a ser entendida, e uma vez mais negociar com a Natureza uma nova crítica e produzir um novo saber. É assim sucessivamente. Quem, a não ser aquele que se instaura tolamente sobre um saber limitado, obcecado, encharcado pela vaidade (da qual a Natureza ri), poderia pensar estar, neste momento, encontrado a Verdade *final* das coisas?

E isso também nós, cientistas, aprendemos com os filósofos.

Alguns cosmólogos ao montar um maravilhoso cenário de formação do Universo, certos físicos de altas energias ao elaborar fascinantes esquemas de ordenação do sub-mundo atômico, parecem estar convencidos, hoje, que a ciência nada mais é do que um jogo que brincamos, coletiva-solitariamente, com a Natureza. Às vezes, nos deixamos encantar graças a algum movimento local que acreditamos poder descrever por meio de um modelo teórico final, supostamente definitivo. Para essa ilusão contribui a natureza humana e nossa herança cultural. De minha parte, prefiro pensar que este jogo não tem fim, mas reconheço que não posso demonstrar nem isso, nem seu oposto.

Os cientistas (e, uma vez mais, quem fala em nosso nome?) de há muito descobriram, junto com seus colegas de missão, os filósofos, enfim todos nós homens e mulheres, que a arrogância de uma linguagem passa por um poder de uns sobre outros, do homem sobre outros homens e, embora devido à sua especificidade, sejamos, nós cientistas mais requisitados, para produzir esse poder, essa é uma tarefa que não fala do diálogo com a Natureza mas da humanidade e, como disse acima e repito, não é essa a essência de nossa atividade, não é disso que fabricamos a matéria de nossa pesquisa.

Assim, não creio que uma tolice de um americano tranqüilo deva tirar nosso sono e fazer alguma forma de estrago nas relações cientistas filósofos e no diálogo de todos nós com a Natureza.

Um diálogo, bastante mais completo e profundo está acontecendo no cotidiano dos cientistas e dos filósofos. É disso que se faz alguma coisa permanente. É desse estofado que se fabrica o tecido que nos une e impulsiona para darmos significado às coisas. As observações e as idéias dos cientistas são partes ativas do material dos filósofos. As questões e as dúvidas do sentido e da produção do saber que os filósofos *secretam* são substâncias que os cientistas recolhem como preciosidade em seu continuado diálogo com a Natureza.

Porque, cientistas e filósofos, todos sabemos, com nossa paixão e nossa razão, que quando o homem se prepara para um diálogo com a Natureza, ele, afinal de contas, dialoga consigo mesmo. Assim, como podemos pensar seriamente, estimulados, sem nenhuma grandiosidade, por um movimento de reação a mais uma trapalhada americana, em afirmar a separação entre ciência e filosofia?